

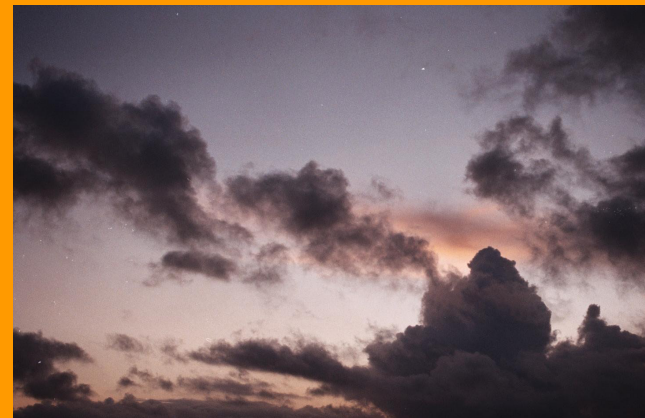
ACAFA

Nº 5 (2012) On-line

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

Heaven and men: the sun, the moon
and the stars in rurality

António Maria Romeiro Carvalho



Vila Velha de Ródão, 2012

**O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS
NA RURALIDADE**

**Heaven and men: the sun, the moon and the stars
in rurality**

António Maria Romeiro Carvalho¹

Palavras-chave

Céu, estrelas, setestrela, lua, sol.

Key words

Sky, stars, sevenstars, moon, sun.

Resumo

O «caminho faz-se caminhando»; assim, não se caminhando por ele, desfaz-se o caminho. É hipótese do autor que a observação utilitária do céu e das estrelas terminou com o fim do domínio da pastorícia na economia e na sociedade e com a afirmação do patriarcado face ao matriarcado. O golpe fatal foi dado pelo fim da agricultura enquanto actividade económica dominante quer no orçamento, quer na ocupação de mão-de-obra nacionais. Paralelo a este movimento, a introdução da luz eléctrica na aldeia e do motor na agricultura anularam a universalidade do trabalho braçal e ajudaram à morte da relação e conhecimento do céu por parte do homem. Por fim, o Cristianismo, no processo de anulação do que é pagão, contribuiu também para esta morte por esquecimento.

Abstract

The “path is made by walking”, so if you do not walk through it, the path breaks down. It is the author’s hypothesis that the utilitarian observation of the sky and the stars ended with the end of the predominance of

¹ Professor de História. Investigador do IEDS – UNL.

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

pastoralism in the economy and society and with the affirmation of patriarchy to matriarchy. The fatal blow was given by the end of agriculture as a dominant economic activity either in the budget or in the occupation of skilled national workforce. Parallel to this movement, the introduction of the electric light in the village and the engine in agriculture nullified the universality of manual work and helped the death of the relationship and knowledge of heaven by the man. Finally, Christianity, through the annulment process of what is pagan, also contributed to this death by negligence.

«Pai, tu não sabes? O sol e a lua, no céu, fazem estrelas!» (Uma criança para o pai).

«Tendo pois Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: «onde está o rei dos Judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo». Mt 2,1-2.

Apresentação

De meados da década de 1960 a meados da década seguinte, na juventude, o autor ceifou e debulhou o milho da quinta familiar. Depois da ceia, bem depois do sol-posto, havia tempo para mais uma ou duas horas a descascar massaroca (desfolhada). As noites eram quentes e claras. O céu brilhava. A família dormia por cima dos «canocos» (restos do milho depois de retirada

a espiga) olhando o céu e, mal a claridade matinal despontava, retomava a faina. A luz eléctrica havia então chegado à aldeia e ainda não tivera tempo de eliminar as diferenças entre o dia e a noite, tanto mais que estava sempre «a falhar». Perscrutando o céu, as perguntas surgiam naturalmente: que estrela é aquela, como se chama esta e a outra. Perguntas com resposta difícil, pois os pais há muito que não sabiam mais que identificar as Ursas Maior e Menor, muito graças à Estrela Polar, e, de manhãzinha, a estrela da manhã, o planeta Vénus. Contudo, sabiam muito acerca do Sol e mais acerca da Lua. No respeito a esta e às suas fases, a mãe mudava ou não as azeitonas, cozia ou não o pão, matava ou não o porco. As estrelas e as constelações, ao contrário, estavam quase esquecidas.

Anos mais tarde, após semanas de investigação, em toda a região da Beira Interior, e um pouco em Serpa, por ser a terra natal da revista «A Tradição», só se conseguiu recolher uma quadra relativa às estrelas, e sempre a mesma:

«O Setestrela vai alto,
Mais alto vai o luar,
Mais alta vai a ventura,
Que Deus tem para me dar».

Introdução

É estranho que o céu estrelado não tenha deixado marcas várias e profundas no conto, poesia, cancionero e tradição popular, mas o certo é que, mesmo os mais velhos, não se lembram. Conhecem algumas estrelas, de quando contemplavam o céu lá no campo, principalmente no Verão, aquando das ceifas e debulhas, e pouco mais que isso.

É certo que a luz eléctrica avançou por aí dentro, com a década de 1960, e o seu brilho retirou o brilho às estrelas. Também é verdade que a agricultura, enquanto actividade importante na economia nacional e angariadora de elevada percentagem de mão-de-obra terminou os seus dias; mas todos os entrevistados têm mais de 70 anos e tiveram mais de vinte anos de trabalho nos campos. Tiveram, mas há muito que não passam por antigos caminhos e não vêem limpo o céu estrelado. Serão ambas razão suficiente para a quase inexistência de referências às estrelas e sua importância na vida individual e colectiva, confirmando-se o ditado popular: «longe da vista, longe do coração» e do conhecimento, acrescenta-se. Porém, Arronches Junqueiro já se queixava do mesmo, e quando, em Portugal, a agricultura era, e continuaria a ser, a actividade de maior peso económico e com a maior percentagem da população activa.

Dizia este etnógrafo, que «hoje, poucas são as estrelas que conservam nomes especiais entre a gente rústica». Há a estrela do Norte (Estrela Polar), a Estrela da Manhã, Estrela Boieira ou Estrela do Pastor (Vénus); a estrela da Tarde e as estrelas que caem. Quanto às constelações, temos a cadeira de São Pedro (Ursa Maior), as Três Marias (Orion) e o Setestrela (Plêiades). Em linguagem popular, o pastor (Sírius) atira o Cajado (Orion) ao rebanho (Setestrela). Os cometas são objecto de terror para os povos, desde a Antiguidade, continua Junqueiro; anunciam desgraças: pestes, guerras, terremotos, e outras; por seu lado, a chuva de estrelas anuncia a morte de um rei ou pessoa da casa real. E pronto, conclui, «é bem pequeno o espólio [...] É o que resta na imaginação popular acerca das estrelas» (1902, p. 138)

Estudando o tema, Cândido Marciano e Catarina Oliveira (2011), escrevem que: «pastores, camponeses e pescadores conheciam o firmamento, as estrelas e constelações, pelo nome que lhes davam os antepassados: setestrela, estrela da manhã ou estrela do pastor, três marias, cadeira de S. Pedro ou estrela do norte. Da sua observação procuravam elementos para se orientarem no mar e na terra, saberem as horas, preverem o tempo e escolherem a melhor altura para sementeiras, colheitas ou para a pesca, ...»

Mas a influência da Lua é claramente dominante: «na tradição popular, amuletos, rezas e dizeres atestam a antiguidade das crenças ligadas à lua, como as influências malignas nas crianças (mal de lua), que se protegiam com amuletos, ou encomendando-as à nascença à lua como madrinha, bem como do determinismo lunar no crescimento da vegetação, na meteorologia, nas marés ou nos partos.»

E, do Sol: «sabemos também que do firmamento o homem extraiu os ciclos temporais, organizou os calendários, celebrou dias festivos – como o Natal, Páscoa e S. João marcados pelos equinócios e solstícios – e fez nascer deuses e heróis.»

Hipótese

Diz um provérbio que o «caminho faz-se caminhando»; assim, não se caminhando por ele, desfaz-se o caminho. É pois nossa hipótese que a observação utilitária do céu e das estrelas terminou com o fim do predomínio da pastorícia na economia e na sociedade e com a afirmação do patriarcado. O golpe fatal foi dado pelo fim da agricultura enquanto actividade económica dominante quer no orçamento, quer na ocupação de mão-de-obra nacionais. Paralelo a este movimento, a introdução da luz eléctrica na aldeia e do motor na agricultura anularam a universalidade do trabalho braçal e ajudaram à

morte da relação e conhecimento do céu por parte do homem. Por fim, o Cristianismo, no processo de anulação do que é pagão, contribuiu também para esta morte por esquecimento.

A. Junqueiro apresenta uma explicação que serve de ponto de partida à nossa hipótese, agora apresentada de forma mais aberta e já com a concordância de alguns autores: «foram, como se sabe, os pastores os primeiros astrónomos. Todos conheciam o céu visível. Esse estudo levou-os ao conhecimento da meteorologia e, como esta ciência lhes prestava mais serviços, para ela se inclinaram» (1992, p. 138). No mesmo sentido, escreve Guilherme de Almeida que aponta as necessidades agrícolas para justificar o estudo do céu, mas mais a lua e o sol, que as estrelas: «a escolha das épocas próprias para semear e para colher, a marcação de um calendário, o rumo a seguir nas migrações...» (1995, p. 12). Certo é que deixando de ser necessário observar o céu, se deixa de o conhecer, por esquecimento. Tal terá acontecido com a generalização e predomínio da agricultura face à criação de gado, quando feita ao ar livre. Mas terá acontecido mais rapidamente e profundamente com o Cristianismo/ Catolicismo, que sempre viu estas crenças com superstições, isto é, resquícios das religiões antigas, pagãs.

Uma terceira razão, mais profunda e milenar, lhes deverá ser juntada: a

afirmação do patriarcado contra o matriarcado. Sabe-se o quanto a noite é feminina e o dia masculino. O mesmo se diz da lua e das estrelas e do sol. Por fim, uma quarta e bem mais recente, a secundarização e terciarização da economia e da sociedade que, acompanhadas pela luz eléctrica, definitivamente retiraram o homem da contemplação do céu. O facto de algumas cenas hollywoodescas comprovarem o romantismo desta contemplação só vem provar a perduração da ligação do homem enamorado ao céu estrelado, mas também o quão longe vai o tempo da sua compreensão. Tempos houve, contudo, em que o céu e as estrelas eram cofre onde as culturas guardavam as suas crenças, os seus valores e os seus arquétipos guias. Algo que os mitos gregos condensam. Eis o que se defende neste trabalho.

Céu e Terra: dois mundos paralelos com comunicação

«Havia nos arredores uns pastores, que vigiavam e guardavam o seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor». Lc 2,8-9.

No trabalho de campo efectuado, é geral ouvir dizer, e acreditar-se, como há cinquenta anos, que nasce um bebé, nasce uma estrela; morre alguém e morre a sua estrela. Esta ligação entre a vida individual humana e o céu está presente em muitas culturas antigas, caso de Israel, como refere o

evangelista: «vimos a **sua** estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (Mt 2,1-2). Não se encontram, nas fontes etnográficas, referências da cultura popular às estrelas, ao contrário do que acontece com o Sol e a Lua. A única encontrada nos 10 volumes da *Etnografia da Beira* (Dias, 1944-1970), e ainda actual e generalizada, é a de que não se podem contar as estrelas, que nascem verrugas nas mãos. Escassas são também as referências na *Etnografia Portuguesa*, Vasconcellos (1980, 1985), onde também aparece esta quadra.

Outro etnógrafo, Trindade Coelho (1900b,c), no levantamento que faz sobre o «Senhor Sete», apresenta quarenta e três quadras sobre o Setestrela, abrindo a recolha com a quadra citada na apresentação. Este autor (1900b) diz que o Setestrela é a constelação das Plêiades. As Plêiades é o aglomerado de estrelas mais brilhante em todo o céu. As Plêiades também são conhecidas por vários outros nomes tais como “Sete Irmãs”, como M 45 pela classificação do catálogo Messier, e como “Subaru” no Japão. Este aglomerado está localizado na constelação do Touro (Taurus). Seis das estrelas nas Plêiades são visíveis sem o auxílio de telescópios. Aproximadamente 500 estrelas pertencem ao aglomerado estelar aberto das Plêiades e a maioria delas são fracas. Uma nebulosa de reflexão circunda estas estrelas. Não se nega a possibilidade científica da afirmação de T. Coelho e do que

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

escrevemos, mas uma leitura atenta das quadras populares apontará para uma ligação de significado entre o Setestrela e o céu estrelado, no seu conjunto. Isto, por três razões: as quadras tanto falam do Setestrela como dos Setestrelas, o plural; as quadras não se referem ao Setestrela como uma constelação específica, mas à abóbada celeste, no geral; terceira, quando questionados sobre o que era o Setestrela, os entrevistados não sabiam, diziam ser o céu estrelado e, às vezes, a Ursa Maior, o que acontece também na Galiza. Certo em tudo isto, e é a afirmação de fundo, o povo acredita na influência das estrelas (e dos «astros», principalmente do sol e da lua) na vida dos homens e no amor.

Todas estas quadras tomam o Setestrela como ponte para o namoro e o amor, tanto mais que o número sete se encontra ligado à Lua, à regeneração. Há um ritmo do sete, escreve Espírito Santo, e vários exemplos «fazem crer que a própria terra obedece a este ritmo [...] A repetição mítica é regida pelo número sete». (1990, pp. 59, 147). Sete, afirma Carvalho (2008), é a cobertura total do espaço, segundo Cassirer: norte, sul, este, oeste, centro, cima e baixo. É o número da lua e do luar. O número sete tem decididamente influência no namoro e no amor, como indica uma das quadras, recolhidas

na Beira Interior e, as outras, recolhidas em Serpa, por Trindade Coelho (1900, pp. 39-40):

Sete e sete são catorze	Passei rente ao alecrim,
E mais sete são vinte e um.	Sete folhas lhe colhi.
Tenho sete namorados,	Eram os sete sentidos
E não gosto de nenhum.	Que eu tinha postos em ti.
Sete raios tem o sol,	Em sete pontas do céu,
Hei-de-me lá ir sentar,	Hei-de mandar escrever:
Para de lá perceber,	Só às estrelas confio
A quem tu queres amar.	Amizade e bem querer.

Tomemos alguns exemplos das quadras referentes ao Setestrela e ao amor, recolhidas por T. Coelho (1900b, pp. 69-71; 1900c, p. 86), em número de 43, como foi dito:

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

Os setestrelas nasceram
Virados para o poente,
Oh quem dormira um sonhinho,
Contigo, rosa inocente.

Os setestrelas vão altos
Na cobertura do céu,
Em tudo és do meu gosto,
Até no por do chapéu.

O setestrela caiu
Em cima da flor da giesta,
Cada vez te quero mais,
Olha que cegueira esta.

«O Setestrela tem sete,
Vós, menina, tendes duas,
Alumiam mais as vossas,
Que o Setestrela as suas.

Perguntai ao setestrela,
Que é magano e sabe tudo,
Em que pontos vai a lua
Quando quer fazer escuro.

Perguntai ao setestrela,
Bem no deve saber,
Em que pontos vai a lua
Quando quer amanhecer.

Ainda referência ao amor, são as quadras recolhidas por Vasconcellos (1980), de que damos exemplo:

«Estrela, estrelinha,
Que no céu 'stás a brilhar,
Diz-me se em quem penso
Em mim está a pensar».

Certos desta influência no amor, maior admiração provoca tamanho esquecimento actual e até na tradição, no cancionero e contos populares. Mesmo quando Teófilo Braga afirma que o culto das estrelas, «proveniente das populações semitas, conserva na linguagem popular, abundantíssimos vestígios; assim desastre, e o antigo vocábulo astroso, são restos do sistema dos horóscopos, de que temos ainda a locução vulgar: ninguém pode fugir à sua sina» (1995, p. 46). O autor pouco mais diz que isto. Estaremos perante uma situação de esquecimento imposto de cima para baixo. Isto é, tratando-se de cultos pagãos, o catolicismo persegue-os e esta perseguição é tão efectiva, quando tem por aliados todas as causas anteriormente apontadas: domínio da agricultura e fim do seu predomínio, aparecimento da luz eléctrica e do motor.

O setestrela aparece pois no singular ou no plural, ligado ao amor, ao namoro, mesmo até com uma certa dose de *provocação*, caso do «maganho», malandreco, da quadra quatro.

Esta comunicação entre o céu e a terra, entre os seres celestiais e os humanos, parece generalizada e afirmada. É o caso do sonho de Jacob: «e teve um sonho: via uma escada que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu; e anjos de Deus subiam e desciam pela escada. No alto estava o Senhor» (Gn 28,12).

O Céu e a Bíblia

«Pouco há na Bíblia que esteja lá por acaso» (Singer, 1976, p. 87).

Ele, Javé, «criou a Grande Ursa, Órion, as Plêiades, e as Câmaras austrais», diz Job (9,9), e fica-se por aqui nas referências às constelações e estrelas do céu. A Bíblia nada mais diz acerca das estrelas. As referências ao céu são várias, mas sempre numa concepção cosmológica semita, isto é, céu indica a parte superior do mundo em oposição à terra. Apresenta-se como um tecto enorme onde são colocadas as estrelas e onde se encontram os grandes reservatórios de água. Assim, «Deus disse: faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras»; «no ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês, romperam-se naquele dia todas as fontes do grande abismo e abriram-se as barreiras dos céus»; «louvai-O, céus dos céus, e vós, ó oceanos dos espaços celestes»;

«quem pode enumerar as nuvens e inclinar as urnas do céu» (Gn 1,6; 7,11; Sl 148, 4; Job 38, 37).

E, segundo Singer(1976), não vale a pena procurar o que não há. Não que não lá não tenha estado, mas porque foi apagado. Esquecida, continua a autora, «reprimida ou ainda não consciente, a proibição da astrologia, e da heresia politeísta que necessariamente se segue a ela, foi o factor inconsciente que se interpusera entre os meus estudos supostamente objectivos e a minha maneira de abordá-los» (1976, p. 88). Para a autora, viajando pela história e pela mitologia na busca do Andrógino, as referências astrológicas aparecem-lhe sem cessar.

«O único momento em minhas pesquisas em que não me deparei com a astrologia foi nas minhas considerações sobre o Gênesis [...] Intui que isso não se dera por acaso e que, com toda a probabilidade, os primeiros hebreus haviam evitado intencionalmente a ideia da astrologia, como também haviam evitado admitir a natureza andrógina da Divindade (1976, p. 87).»

Astros e estrelas não aparecem no «índice doutrinal» colocado no final da Bíblia católica. Céu aparece, mas apenas como lugar de deus, Cristo e dos anjos, de felicidade eterna e condições ao seu acesso. Céu estrelado, sol e lua estão ausentes do índice temático. Na verdade, se «pouco há na Bíblia

que esteja lá por acaso», como afirma Singer (1976, p. 87), pouco lá não estará que não esteja por acaso. Isto é, se lá não está é porque alguém quis que lá não estivesse e, por isso, não o escreveu ou o apagou.

O arquétipo construtor

Na fase de trabalho de campo para o doutoramento, Carvalho (2008) visitou dezenas de aldeias, vilas e cidades de toda a região centro do Continente. Do cemitério à barbearia, de Idanha-a-Nova a Coimbra, dezenas de locais foram observados no que à sua organização espacial diz respeito.

O autor enuncia uma das suas hipóteses: o rural organiza o seu espaço seguindo um arquétipo construtor assente numa estratégia guerreira - mais de defesa, que de ataque - do *eu* contra o *outro*. Nesta organização do espaço, o rural coloca *cercas* circulares, que constituem limites protectores. Estas *cercas*, que são em número de três (apenas porque três é um número perfeito), têm *portas*, por onde se entra e por onde se sai. As *cercas*, como as *portas*, têm capelas protectoras ou outras sinalizações, como cruzes, que funcionam quais vigias. O santo orago da capela vivifica a *cerca* ou a *porta*, substituindo o sacrifício humano de que fala a Bíblia: «então proferiu Josué este juramento: maldito seja diante do Senhor quem tentar reconstruir esta cidade de Jericó! Será ao preço do seu primogénito que lhe lançará os

seus fundamentos, e será à custa do último dos seus filhos, que lhe porá as portas [...] No tempo de Acab, Hiel de Betel reconstruiu Jericó. Lançou-lhe os alicerces ao preço de Abirão, seu primogénito, e pôs-lhe as portas ao preço de Segub, seu último filho» (Jos 6, 26; 1Rs 16,34). Finalizando, Carvalho (2008) escreve que as capelas no interior da aldeia são, quase em exclusivo, de santas; as dos limites são-no de santos; a ermida tem, maioritariamente, uma santa como orago.

Que arquétipo preside a esta organização geo-estratégica que se apresenta? Talvez nas estrelas se encontre a resposta. A estrela é fonte de luz, dizem Chevalier e Gheerbrant; a Estrela Polar é, universalmente, “o centro absoluto em torno do qual gira eternamente o firmamento”. A Estrela Polar evoca, simultaneamente, o “primeiro motor e o centro do universo”.

A Ursa Maior é no Oriente, a morada dos Imortais e a arca do conhecimento tradicional. (1994, p. 308).

Daqui, mas com reservas, estaremos perante a execução no espaço terrestre de uma geo-estratégica guerreira defensiva que assenta as suas grandes linhas na Ursa Menor: as capelas dos santos são as estrelas da constelação e a ermida da santa é a Estrela Polar, a estrela guia. Se, e não retiramos o se, pensarmos que os arquétipos da organização espacial,

entre outros, tal como os destinos dos homens, estão inscritos no céu, este plano de organização geo-estratégica guerreira teria na Ursa Menor o seu modelo: as capelas da cerca são as estrelas do quadrilátero e a ermida a Estrela Polar.

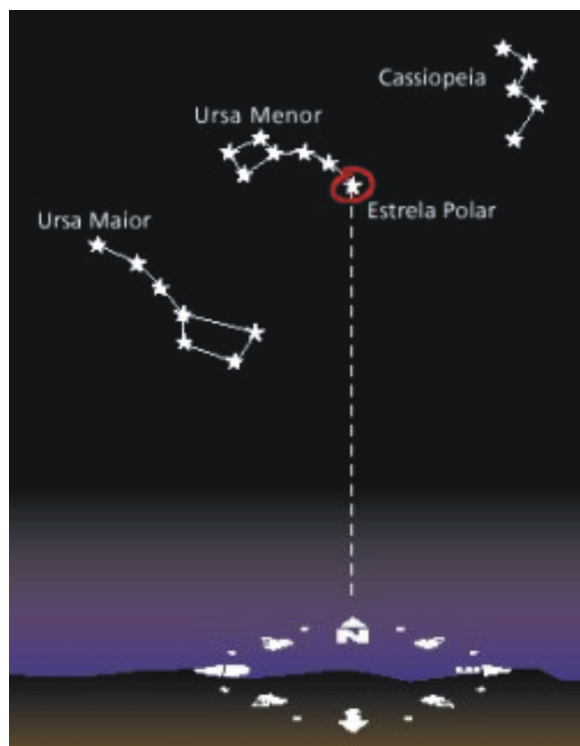


Figura 1. Ursa maior, Ursa menor e Cassiopeia (Ciência Viva)

As duas estrelas, que indicam o caminho do quadrilátero até à Estrela Polar, são o caminho que a aldeia faz anualmente, no dia da romaria, quando, por um dia, transporta a aldeia para o lugar da ermida, servindo esta de igreja matriz; a sua santa, a orago da paróquia; delimita-se o espaço sagrado com a procissão; come-se e bebe-se em grupos, tal como na aldeia. Por um dia, a ermida transforma-se no centro do mundo, tal como a Estrela Polar, «o centro absoluto em torno do qual gira eternamente o firmamento», como dizem Chevalier e Cheebrant, «sendo o centro do universo, o seu eixo (1994, p. 309). É uma proposta arriscada e muito difícil de provar. Mas é certo que o céu possui todos os arquétipos construtores para a terra. E, para além da prova, convém pensar em termos de evidência.

Arquétipo é originário do grego (*arche*= primeiro + *tipo*=padrão). Arquétipos serão os primeiros padrões que constituem a base da «impressão da personalidade humana» (Ylimaki, 2006, p. 627). Para Jung, os arquétipos são complexos vividos ou vivenciados que comparecem a modo de destino e Freud chamava-lhes «resíduos arcaicos», «formas mentais cuja presença não encontra justificação alguma na vida do indivíduo e que parecem antes formas primitivas e inatas representando uma herança do espírito humano». Jung chama-lhes arquétipos ou imagens primordiais. (1987, p. 67). Para este autor, há imagens semelhantes nos sonhos dos indivíduos humanos

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

e as mitologias espalhadas por todo o mundo, pelo que, na opinião de Ylimaki (2006), as formas ou padrões arquétipos são colectivos, uma parte do psíquico de todos, pelo que universais. Os arquétipos são uma realidade, «uma tendência instintiva», repete Jung (1987), tal como a tendência dos pássaros de fazerem ninho. Seguindo Jung, Santo diz que «na mitologia, na religião e muitas vezes na vida corrente, uma coisa material é a sombra de uma outra que não se consegue definir nem exprimir, é a sua imagem ou o seu símbolo» (1990, p. 19). Benoist (1975) considera o mito e o arquétipo como a mesma coisa: «os mitos são uma língua figurada das origens». Freud chamou-lhe complexos, Jung arquétipos e Platão denominava-os ideias.

Que arquétipos existirão nas estrelas que têm construção representativa no quotidiano humano? Justifica-se a pergunta, porque os mitos gregos nos legaram esta ideia e esta relação; e os mitos gregos não são originais, antes uma escrita de uma mui velha tradição oral. Esta passagem de uma tradição a uma racionalização terá acontecido, diz Schaefer (2008), com Hiparco (200 a.C.- 100 a.C.), que realizou comparações exaustivas e detalhadas entre o que estava escrito no livro de Eudóxio (1130 a.C.) com o que ele via no céu. Só na medida em que o homem passa e ultrapassa o seu momento histórico e dá livre curso ao seu desejo de reviver os arquétipos, escreve Eliade (1979), ele se realiza como um ser universal, isto é, total. As

divindades celestes, diz Eliade (1992), têm sido, desde sempre, divindades supremas e representam instituições de força, criação, lei ou soberania. Em complemento, diz o mesmo autor, as construções sagradas baseiam-se num arquétipo copiado e repetido indefinidamente.

Por seu lado, Humphrey e Vitebski afirmam que o cosmos é possuidor de um conteúdo mais vasto que o mundo que o rodeia: «o céu é frequentemente encarado como o reino da perfeição, e o objectivo de muita da arquitectura sagrada é reproduzir esta perfeição na Terra» (1997, p. 12). E afirmam ainda que «limitar um espaço estabelece uma distinção entre o que está dentro e o que fica de fora e combina a necessidade humana de abrigo com um princípio cosmológico poderoso, largamente divulgado» (1997, p. 130). Humphrey e Vitebski escrevem que «portões, limiares ou aberturas assinalam a transição entre uma espécie de espaço e a outra e atravessá-los marca a passagem de uma pessoa pelas diferentes espécies de estado sagrado ou social [...] As aberturas do tipo portas e janelas são uma necessidade básica, mas constituem também as partes mais vulneráveis de um edifício». (1997, p. 132). Singer suspeitou e confirmou que uma das razões pela qual Jung se intrigou tanto com a astrologia foi a de que «talvez tenha visto na tradição astrológica uma oportunidade para examinar as manifestações do arquétipo celeste» (1976, p. 91).

O Sol e a Lua: o céu no masculino e no feminino

A Lua manda nas actividades agrícolas. Vejamos como, recorrendo à fonte ainda muito utilizada nas aldeias portuguesas, «O Verdadeiro Almanaque Borda d'Água» de 1946, o mais antigo que encontramos. As actividades agrícolas são predominantemente executadas nos «Quartos» de Lua. Poucas são deixadas para a Lua Nova e menos ainda para a Lua Cheia. Carvalho (2008) resume as actividades no quadro que se segue e analisamo-las a partir de dois princípios que julgamos presentes na lógica da ruralidade: o culto da fecundidade, centrado na Grande Mãe, e o princípio da «homeopatia», que coloca em directa correspondência a cor, o som, o vocábulo e a realidade.

Nas sociedades tradicionais, escreve Fernandes, o homem não vive num universo de coisas, «mas de seres dotados de vida ou que a vida se empresta» O mundo está pleno de vida. Seres vivos são os animais, as plantas e até as rochas. Com todos eles o camponês dialoga e, ao fazê-lo, fá-los «participar na sua existência» (1992, pp. 69, 90). Cortar árvores é uma actividade de decepar seres vivos. Como em qualquer povo primitivo, escreve Braga (1994), a sociedade rural considera o elemento vegetal, tal como o elemento mineral, como seres vivos. Havia mesmo uma relação

hipostática entre o homem e a árvore. As relações entre a vida vegetal e a humana permanecem ainda no costume de plantar uma árvore quando nasce uma criança, um costume que é açoriano, mas que vai, também, do México à Alemanha.

Residual deste costume poderá ser a crença, pelo menos no Ladoeiro (Idanha-a-Nova), de que quando a noqueira plantada pelo dono atingir um tronco com a grossura da cintura dele, este morrerá. Assim se compreende que estas actividades de corte sejam colocadas em finais de Outono e Inverno, quando as árvores e plantas «sangram menos»: é a ciência de acordo com a tradição. Continuando com Carvalho (2008), cortar em Quarto Minguante é quando a dor é «minguada», menor. Expressões que antropomorfizam as árvores e a natureza colocando a Grande Mãe no domínio de todo este ambiente e relação.

Outra actividade expressa é o enxerto. O enxerto, escrevem Chevalier e Gheerbrant, «só é considerado eficaz se corresponder a uma conjunção determinada de Sol e Lua» (1994, p. 286). Sem dúvida que a arte de enxertar é das mais difíceis da agricultura e, por isso, definidora da qualidade do enxertador.

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

Tabela 1. Lua e actividades agrícolas

Actividades/Luas	Sementeiras	Plantações e Arvoredos	Animais	Outros
Lua Nova (13)	Semear: caroços de pêsego. (O)	Plantar: mangericos (P). Limpar: vinha das lagartas (P).		Estrumar: as terras (O). Abrir: poços (O).
Quarto Crescente (13)	Semear: trigo, centeio e cevada (O); milho de regadio (P); favas, ervilhas, cebolas, couves, nabos e hortaliças de regadio; flores para florescer no Inverno e na Primavera (V).	Plantar: tubérculos de flores (O). Enxertar: videiras (I), limoeiros, laranjeiras e outras árvores de fruto (P). Tirar os ladrões e raízes às enxertias (V). Sulfatar e enxofrar a vinha (P). Descascar sobriros (P). Pôr craveiros à sombra (V).	Matar: porcos (O) e (I). Deitar Galinhas. Tosquiar: burros (I). Vacinar: gado (O).	
Lua Cheia (12)		Plantar: limoeiros e laranjeiras (I).		
Quarto Minguante (12)	Semear: batatas (I), nabos e cenouras (V).	Plantar arvoredo e roseiras (O). Enxertar: de escudo (P). Podar: árvores, bacelos, roseiras e outras plantas de jardim (I). Cortar: madeiras (O) e (I).	Crear: colmeias (P). Tosquiar: ovelhas (P).	Atestar: vinhos (P).

Legenda 1 - Número de luas no ano **Legenda 2** - (P) Primavera, (V) Verão, (O) Outono, (I) Inverno

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

Trabalho individual que não deixa dúvidas: quantos mais enxertos certos, maior valia. Tal como o fazer do pão é trabalho de mulher, enxertia é trabalho de homem e ambos decisivos na atribuição de qualidade. Quer um é quer outro possuem pormenores de execução dignos de feiticeira e tanto o homem como a mulher, benzem o que fazem. Homem e mulher é como se, nesta função, desempenhassem o acto da cópula e fertilidade. A mulher levanta o pão, qual barriga da grávida, o homem levanta a terra fina sobre o enxerto, qual gravidez. A mulher com o masculino pão, o homem com o feminino-terra.

Falamos, principalmente, do Concelho de Idanha-a-Nova, continua Carvalho (2008), e esta sempre foi uma região do domínio da sementeira e gado miúdo. Uma terra pobre e onde o porco desempenhava papel essencial no orçamento familiar anual. O porco era morto no Inverno, por virtudes do tempo frio (e face a inexistência da arca congeladora). Para que crescesse, e desse para todo o ano, dependendo dele a fartura da merenda e da mesa, compreende-se que fosse morto em Quarto Crescente. A mesma ideia de crescer está presente nas actividades do crescente lunar: sementeiras para que cresçam e se multipliquem a bem da fartura.

Na Lua Nova não há Lua, melhor, ela não aparece. E, se não aparece, não pode ver e, não podendo ver, não pode actuar. É pois a melhor altura para

fender a Grande Mãe Terra. Por isso se abrem poços; mas, para além de ser em Lua (que não vê) Nova, é sempre no Outono, época de semi-sono, em que a Grande Mãe Terra como que...hiberna. O poço, afirmam Chevalier e Gheerbrant, «reveste-se de um carácter sagrado em todas as tradições» (1994, p.532). O poço é uma dupla síntese: da tríplice ordem cósmica (terra, céu e inferno) e do tríplice elemento (terra, ar e água). O poço simboliza ainda o conhecimento, a verdade e a abundância. Assim, mesmo sonolenta, a Grande Mãe é uma cornucópia de fecundidade. Deste modo se poderá compreender que haja poços que são «poço dos desejos».

Lua Nova é igualmente o início de um novo ciclo e desejo de novidade, por isso é que é *nova*, e assim se compreenderá o semear de caroços de pêsego. Sabendo que o caroço é a súpula do conhecimento ou o concentrado da árvore, pois ela brotará dele, semear caroços na Lua Nova será desejar/possuir este conhecimento. Para além disso, o pêsego é o símbolo da imortalidade, principalmente na China. Conhecimento e imortalidade serão, pois, os desejos de quem semeia caroços de pêsego na Lua Nova.

Na Lua Cheia apenas se plantam laranjeiras e limoeiros. Árvores com frutos claramente conotados a seios e a barrigas prenhes. Sendo esta a única actividade que o almanaque recomenda para a Lua Cheia, será que há aqui uma relação homeopata e de sonoridade entre o *cheia* de Lua e *cheia* de

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

mulher-mãe? É que, valha a verdade, é grande a semelhança entre o ventre prenho de uma mulher e meia laranja, principalmente da laranja-baía, que tem um umbigo maior que o doutras laranjas.

Concluindo, o domínio da Mãe é totalizante na cultura portuguesa: é a Lua, no Céu; como é a Grande Mãe na Terra; como é a mulher no lar. E Fátima veio reforçar este carácter feminino, quando muitos são já os campanários que, juntamente com as horas, dão as notas musicais do «13 de Maio».

E o Sol? O Sol é em geral uma divindade masculina e, em muitas cosmogonias mundiais, escreve Husain, «o céu é representado ou dominado por uma divindade masculina, enquanto a Terra é do domínio de uma deusa». É possível, continua o autor, que esta divisão reflecta a oposição dia/noite, representando o céu, «para os antigos, um enorme campo de batalha das hostilidades entre as trevas e a luz» (2001, p. 62). O Sol é uma divindade masculina, mas também pode ser feminina, escreve o autor (2001), para o caso dos povos Bálticos e da Gronelândia.

O simbolismo do Sol, escrevem Chevalier e Gheerbrant (1994), é tão multivalente como cheio de contradições. Se o Sol não o próprio deus, é uma manifestação da divindade. O Sol é imortal, continuam os autores, levantando-se todas as manhãs e pondo-se todas as noites; «é a fonte da luz,

do calor e da vida. Os seus raios representam as influências celestes – ou espirituais – recebidas pela terra [...] O Sol está no centro do céu, da mesma forma que o coração está no centro do ser» (1994, pp. 610-611). Uma quadra recolhida por Vasconcellos (1980) exemplifica bem a relação destes seres lá no céu:

«Sol divino vai doente,
A Lua vai-o sangrar:
Ò estrela aperta a fita,
Pega no prato ò Luar».

Os contos tradicionais, repete-se, pouco se referem ao Sol, à Lua e às estrelas. Nos livros de contos consultados, apenas encontramos duas referências, com alguma importância. Em AAVV, vem o conto «o sol e a lua»: «A lua era mais Bonita que o Sol. Deslumbrado com tamanha beleza, e com alguma inveja à mistura, o Sol queria desposá-la, mas a Lua não lhe ligava. Zangado, o Sol atirou-lhe cinza e a Lua atirou-lhe agulhas de costura. Assim, a Lua ficou sem brilho e o Sol, com raios. A Lua ficou sem brilho e o Sol ficou cheio de raios. «Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua» (1977, p. 282).

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

Outro conto é «A Filha do Sol». O casal real não tinha filhos. A rainha rezava, rezava, até que ouviu uma voz dizendo que se quisesse um filho, morreria enfocado; se quisesse uma filha, entraria na «má vida». Preferiu uma filha. O rei construiu uma alta torre, sem portas, nem janelas; em total escuridão. Lá meteu filha e aia. À porta, um capitão e soldados em permanência. A comida era-lhes servida, mas nem osso, nem espinha lá entrava. Aos catorze anos (a perfeição do número sete, em duplicado), no peixe servido, tinha escapado uma espinha. A menina guardou-a e começou a escavar. Ao fim de longo trabalho, conseguiu abrir um buraco e «no mesmo momento entrou pelo buraco um raio do sol que tocou na menina. Sentiu então em todo o corpo uma sensação tão desconhecida [...] A menina encontrava-se pejada» (1977, pp. 750-751). Foi abandonada no bosque, achada por uma fada, criada pela rainha doutro reino, a par com o seu filho. Ao fim de vários casos de magia, por parte da menina, a quem deram o nome de Maria, casou com o príncipe, que disse: «esta é a minha noiva, filha do Sol e de uma rainha; com esta quero casar» (1977, p. 755).

O primeiro conto lembra lutas cosmogónicas no céu entre os poderes masculino e feminino, entre o Sol e a Lua, através de uma explicação para a Lua sem brilho. Estamos perante um mito da criação. O segundo conto apresenta-nos o Sol, deus criador. O deus pai criou o mundo e retirou-se;

mas antes, faz conceber uma virgem através de um seu raio de luz. O filho, neste caso, a filha, reinará em sua vez. Algumas pinturas da anunciação da Virgem Maria apresentam este raio solar. Dir-se-á que não passam de mitos. Mas o mito, afirma Eliade, conta a actividade criadora dos deuses, desvenda a sacralidade da sua obra; por esta razão, «o mito revela a sacralidade absoluta». (1956, p. 109). O mito, como entendem Humphrey e Vitebsky (1997), é um modo de explicar como os fenómenos do mundo acabam por ser tal como são, interpreta o presente em termos do passado, e explicita os significados ocultos da estrutura de um edifício sagrado, bem como os rituais que no mesmo se verificam.

Mito, no grosso das línguas ocidentais, *significa* mentira. Uma mentira piedosa, mas uma mentira. Muito por culpa do racionalismo grego, que esteriotipou os seus mitos, estes passaram a ser não mais que falsas histórias tendentes a ridicularizar os deuses e os seus actos, muito possivelmente, com vista ao endeusamento da razão. O que para o homem vulgar é uma história verdadeira, para o intelectual não passa de uma história falsa, sem veracidade histórica. Esta concepção intelectual é um erro. Escreve Carvalho (2008) que «a verdade para o homem vulgar não é a verdade histórica-cronológica, que até desconhece e nem sequer quer conhecer, a não ser que o obriguem a ir aprendê-la na escola. Para o rural, a verdade

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

consubstancia-se na tradição, na repetição para todo o sempre do acto original. A verdade assenta não no tempo cronológico-histórico contínuo, mas no tempo circular-litúrgico. Desta forma, o acto heróico ou o acto simples descrito no mito, que para ele é uma história verdadeira, legítima o acto quotidiano que faz dele o modelo [...]»

Assim, «o mito não é uma verdade racional, daquela racionalidade iluminista, científica e do tempo histórico. É uma verdade racional, mas daquela nacionalidade rural, mítica e do tempo circular-litúrgico. Assim sendo, a verdade mantêm-se no fulcro da história relatada. Podem mudar alguns pormenores, podem mudar pequenas circunstâncias, de história para história, de acordo com a época e com a cultura do povo que relata, mas o centro da história, o essencial, mantêm-se inalterável e a universalidade do mito é o garante da verdade, porquanto a verdade é universal. (p. 92).»

Se a ordem do templo, escrevem Humphrey e Vitebsky, «reflecte a ordem do cosmo, é através do mito que aprendemos que assim é». Os edifícios, construídos por arquitectos sabedores, vulgo, iniciados, podem personificar ou reflectir o mito na sua própria estrutura. (1997, p. 12). «Os mitos, afirma Benoist (1975), são uma língua figurada das origens. Freud chamou-lhe complexos, Jung arquétipos e Platão denominava-os ideias. Explicam a origem de uma instituição, de um costume, a lógica de uma

aventura, a economia de um dito espirituoso. São, segundo Goethe, ligações permanentes da vida». (p. 10). Repegando em Eliade (1956), os conteúdos do inconsciente, individual e colectivo, são o resultado das situações existenciais imemoriais. Percebe-se, assim, a sua importância na vida de todos e cada um, pois o mito conta existências antigas e (quase) esquecidas.

O mito cosmogónico merece, contudo, um lugar à parte. Este mito, como diz Eliade, «serve de modelo para toda a espécie de criação; tanto para a procriação de um filho como para o restabelecimento de uma situação militar comprometida ou de um equilíbrio psíquico ameaçado pela melancolia e pelo desespero». (1963, p. 33). O cosmo é o saber de tudo fazer e tudo saber como fazer. Isto porque, conclui Eliade (1963), o cosmos é obra divina e o arquétipo ideal. No cosmos, pois, se localiza a caixa do conhecimento primordial.

Conclusão

As sociedades tradicionais têm uma forma de pensar bem diferente das sociedades modernas e a verdade, diz Jung é que «a consciência é uma aquisição muito recente da natureza e ainda está em estágio experimental. [...] Não resta dúvida que, mesmo no que chamamos um alto nível de

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

civilização, a consciência humana ainda não alcançou um grau razoável de continuidade [...] No nosso processo de civilização separámos a consciência, cada vez mais, das camadas instintivas mais profundas da psique humana, e mesmo das bases somáticas do fenómeno psíquico. (1987, pp. 24-25, 52)»

O mito, escreve Eliade, pode «degradar-se em lenda épica, em balada ou em romance, ou então sobrevive, em forma diminuída, nas superstições, hábitos, nostalgias, etc. não perdendo, por isso, a sua estrutura nem o seu valor» (1992, p. 532). Assim, o que dizem os mitos e o que revelam os arquétipos, visíveis nos rituais, são bem mais antigos e verdadeiros que o diz a consciência, a racionalidade humana. Neste artigo, tomou-se o comboio até ao tempo da não consciência. Porém, se acreditamos que a não consciência existe e está lá, algures, e se o comboio via bem municiado, muitas são as falhas nos carris e os passageiros dormem a maior parte do percurso. A ligação entre o hoje e o ontem quase não existe. A linha que os une é invisível aos olhos de quase todos e quem a poderia visualizar esqueceu ou morreu. A memória perdeu-se. Restam os mitos ou, como escreve Eliade (1992), a sua degradação em alguma forma. É o estudo dos mitos ou degradações suas que nos permite algumas conclusões.

A ligação da vida individual a uma estrela no céu, que nasce e morre aquan-

do do ser humano a quem se encontra ligada, é já um resíduo diluído no tempo, apenas se podendo afirmar a ligação entre o mundo terrestre e o mundo celeste. Nos mitos gregos, o herói morto é, de imediato conduzido ao céu e transforma-se em constelação, casos de Hércules e Perseu. Porquê e mais do que isto não conseguimos apurar.

Causas desta impossibilidade são o esquecimento por não frequência dos campos e dos caminhos que a eles levavam e o fim da pastorícia e a passagem à agricultura como actividade dominante. Com este fim, o homem deixou de olhar o céu para ver as estrelas, passando a olhá-lo para ver o sol e a lua.

Também, a chegada da luz elétrica à aldeia, que iluminou o céu roubando brilho às estrelas e indiferenciando o dia da noite, ajudou à não contemplação do céu, ajudando a esquecer um hábito.

Igualmente, a introdução do motor na agricultura e a redução do dia de trabalho. A rapidez com que os homens se deslocam e lavram, deixou de ser necessário o trabalho antes do nascer e depôs do por do sol, diminuindo o contacto com o céu estrelado.

Por seu turno, embora perdendo em relação a décadas atrás, o sol e a lua, por necessidades agrícolas, passaram a ser mais olhados que as estrelas.

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

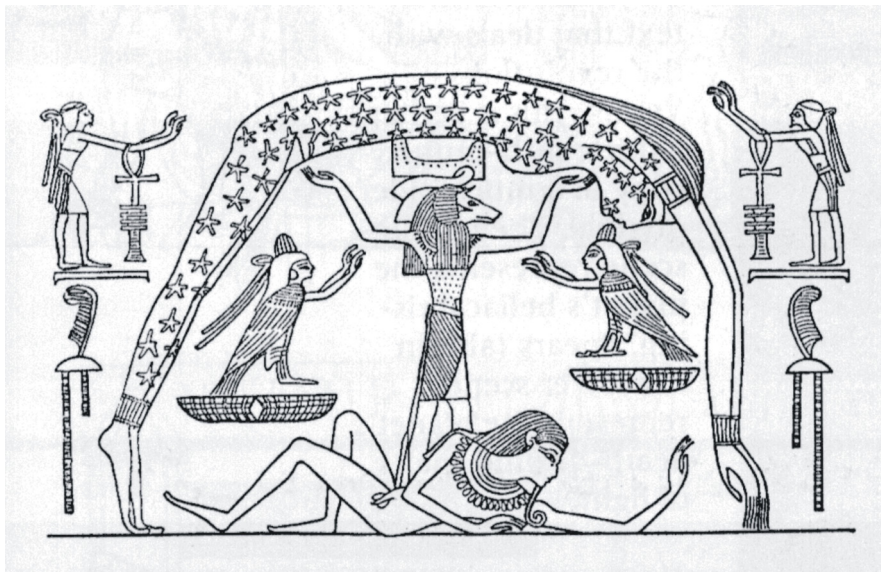


Figura 2. Geb, deus terra e Nut, deusa céu. De www.google.pt

Porém, muito também da sua relação com os homens e os trabalhos e hábitos rurais se estão perdendo. Causa e efeito de tudo se assume o catolicismo que, pretendendo acabar com os cultos e crenças ditos pagãos, aproveitou a *boleia* destes factores e se colocou a seu lado.

Mais difícil de provar e entender será a influência decisiva que o patriarcado assumiu neste corte e transferência de influência. A pastorícia é uma ac-

tividade mais ligada à Mãe-Terra-Natureza, no seu aspecto mais selvagem, pois não a *ferre*. O sol, aqui, pouco mais diria que manhã, tarde, noite. A lua teria mais influência, pois a prenhez do gado feminino e o nascimento dos rebentos tinham algo a ver com ela. Uma influência que permanece com a agricultura e a pequena criação de gado doméstico e outras actividades caseiras mais sob o controle da mulher. Esta mudança do matriarcado para o patriarcado poderá situar-se, pensamos, no tempo da mudança do género/sexo da terra e do céu egípcios, quando o céu deixou de ser feminino e passou a ser masculino, e a terra deixou de ser masculino e passou a ser feminina. Compreende-se a importância da mudança de género/sexo, lembrando a importância de estar por cima na relação sexual.

Segundo a tradição judaica, expressa no Zohar -Livro do Esplendor, Lilith, a primeira mulher criada por deus, recusou a posição missionário, na relação sexual com Adão, por ser tão importante quanto ele, pois foram criados ao mesmo tempo. Deus não gostou (e Adão também não!), pelo que foi criada Eva, a partir da costela de Adão e Lilith foi afastada. Por esta razão, e na Bíblia pouco ou nada lá está, ou não está, por acaso, Lilith apenas aparece uma vez: «Ali viverão o gato selvagem e a hiena, o cabrito montês chamará os seus companheiros; aí Lilith vai descansar e encontrar um local de repouso» (Is 34,14).

Bibliografia

AAVV (1946) *O Verdadeiro Almanaque Borda d'Água*.

AAVV (1975) *Bíblia Sagrada*, Lisboa: Livraria Figueirinhas

AAVV (1977) *Contos tradicionais portugueses*. (Org.) Oliveira, Carlos de e Ferreira, José G., Porto: Livraria Figueirinhas.

Almeida, Guilherme de (1995) *Roteiro do Céu*. Lisboa: Plátano Editora

Benoist, Luc (1975) *Signos, símbolos e mitos*. Lisboa: Edições 70.

Braga, Teófilo (1994) *O Povo Português Nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*. Volume 2. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Carvalho, António (2008) *Aldeia e espaço simbólico. Como ocupa e explica o rural o seu espaço. Permanências e rupturas*. Tese de doutoramento inédita. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Coelho, Trindade (1900a) *O Senhor sete*. A Tradição. 2(3), pp. 39-40.

Coelho, Trindade (1900b) *O Senhor sete*. A Tradição. 2(4), pp. 69-71

Coelho, Trindade (1900c) *O Senhor sete*. A Tradição. 2(6), pp. 86-88.

Dias, Jorge (1944-1971) *Etnografia da Beira*. Lisboa: Livraria Ferrin.

Eliade, Mircea (1956) *O Sagrado e o Profano*. Lisboa: Livros do Brasil.

Eliade, Mircea (1963) *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70.

Eliade, Mircea (1979) *Imagens e símbolos*. Lisboa: Arcádia Editora.

Eliade, Mircea (1992) *Tratado de História das Religiões*. Porto: Edições ASA. (Publicação original em francês, 1949).

Fernandes, António T. (1992) *Espaço Social e Suas Representações*, *Sociologia*, nº 2, Faculdade de Letras do Porto, pp. 61-99.

http://www.cienciaviva.pt/equinocio/lat_long/cap3.asp

Humphrey, Caroline, VITEBSKY, Piers (1997) *Arquitectura sagrada*, Lisboa, Temas e Debates.

Jung, Carl (1987) *O Homem e os seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Junqueiro, Arronches (1902) *Setúbal. Crenças, superstições e usos tradicionais*. A Tradição. 4 (9), pp. 137-139.

Marciano, Cândido e Oliveira, Catarina (2011) *Passos Contados*, Cacela, disponível em <http://press.algarvecentral.net/?p=10867>.

O CÉU E OS HOMENS: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS NA RURALIDADE

António Maria Romeiro Carvalho

Santo, Moisés Espírito (1990) *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim. (1ª edição publicada em 1984).

Schaefer, Bradley (2008) *A Origem das constelações gregas*. Cientific American, Brasil. 14, 14-23.

Singer, June (1976) *A Androginia. Rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo, Editora Cultrix.

Vasconcellos, José L. (1980, 1985) *Etnografia Portuguesa*, vol.s 7 e 9. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ylimaki, R. (2006) *Toward a new conception of vision in the work of educational leaders: Cases of the visionary archetype*. Educational Administration Quarterly, 42, 620-651. Recuperado em 2009, Março 13, de <http://eaq.sagepub.com/cgi/content/abstract/42/4/620>